



**Universidade Federal do Amapá
Pró-Reitoria de Ensino de Graduação
Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia
Disciplina: Filosofia da Educação I
Educador: João Nascimento Borges Filho**

Educação e Indústria Cultural

A indústria cultural é a forma “sui generis” pela qual a produção artística e cultural é organizada no contexto das relações capitalistas de produção, lançada em circulação no mercado e por este consumida.

De acordo com Adorno e Horkheimer: a indústria cultural tem, por excelência, a função de seduzir as massas para o consumo, para que esqueçam a exploração que estão sofrendo nas relações de produção.

Adorno apresenta a teoria da semi-educação, onde defende que a semi-educação representa a educação deturpada, massificada, transformada em mercadoria. Afirma que os conteúdos educacionais divulgados pelos canais de comunicação de massa, dos quais a própria escola faz parte, são viabilizados pelo mecanismo de mercado e se submetem às suas leis.

A educação, deformada em mercadoria, transforma-se em semi-educação. A “democratização” da educação significa para Adorno inevitavelmente a banalização, a deterioração, a negação do saber e da cultura. Afirma Adorno que o avanço da semi-educação, através da pseudodemocratização efetuada pela indústria cultural, é inevitável. Seu combate efetivo somente seria possível através de uma educação autêntica, isto é, mediante o recurso à auto-reflexão crítica acerca da semieducarção.

Segundo Bárbara Freitag tanto no caso da indústria cultural, como no caso da crítica à semi-educação, a solução de Adorno é conservadora. Opta por preservar a educação autêntica, livre, autônoma e de origem burguesa.

A indústria cultural e a semi-educação são causa e função do processo de deterioração e dissolução da alta cultura e da educação integral. A forma assumida pela moderna indústria cultural pressupõe consumidores semi-cultos e semi-educados que, por falta de substância própria e de competência para



assimilar e processar os dados da experiência externa e interna preferem intoxicar-se com o narcótico da indústria cultural.

Walter Benjamin contrapõe-se, de certa forma, a Adorno ao admitir a dialética interna da “indústria cultural”. Entende que a “indústria cultural” pode seduzir e perverter as massas, mas também pode definitivamente contribuir para superar a sua ignorância, ajudando-as a liberar-se de seus opressores internos e externos.

Para Bárbara Freitag, a indústria cultural brasileira necessita ser reorientada. Para que possa haver uma melhora geral do seu produto, talvez fossem necessárias reestruturações fundamentais em sua própria organização interna.

Os meios de comunicação de massa, nessa perspectiva, não deveriam espelhar a divisão de trabalho reinante na base econômica da sociedade. Por isso mesmo, as tevês deveriam buscar uma elevação geral de nível, compreender o seu caráter de “indústria cultural” com responsabilidade de lançar um bom, senão excelente, produto cultural para a população, e não ser o instrumento da nivelação por baixo do saber e da cultura.

A indústria cultural, como vimos, é um fenômeno social fascinante e de difícil compreensão, por causa das variáveis incontáveis e imponderáveis que entram no processo.

Adorno e Horkheimer estavam corretos quando afirmavam a transformação do produto cultural em simples mercadoria em busca de seu espaço no mercado de consumo. Nada mais natural que a cultura também sofresse os efeitos da Revolução Industrial.

Em síntese, são os seguintes os “pecados” cometidos pela indústria cultural, na interpretação de Adorno e Horkheimer:

1. Ela avilta o produto cultural e artístico, dissolve-o em sua especificidade e o transforma em bem de consumo de massa;
2. Ela “cega e distrai” o consumidor, para que não perceba as relações de fato em que está inserido como vítima, o transformado em consumidor “acrítico e inconsciente”;
3. Ela reorganiza o processo de produção e reprodução de cultura, que, por tratar-se de um processo de produção capitalista, deixa de produzir “cultural” para produzir “mercadoria”.



“Uma pedagogia revolucionária, que deseja transformar a escola, precisa em primeiro lugar, transformar a cultura inculcada pela escola” (Moacir Gadotti).

Histórico das Pedagogias:

1889 → 1945 Pedagogia Tradicional

1930 → 1968 Pedagogia Escolanovista

1960 → 1986 Pedagogia Tecnicista

1970 → 1978 Teorias Crítico-Reprodutivistas

1980 → Pedagogias Progressistas

P.S.: Escrito para servir como elemento reflexivo para os acadêmicos do Curso de Pedagogia da UNIFAP, na matéria Filosofia da Educação, ministrada pelo Sociólogo e Psicopedagogo João Nascimento Borges Filho, Docente efetivo desta IFES.



Prof. Borges

